REVISTA DA FUNDARTE
ANO 20
NÚMERO 42
JULHO A SETEMBRO DE 2020
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO

NARRATIVAS DE/PARA CRIANÇAS:
IMAGENS
MEMÓRIAS
HISTÓRIAS



A PRODUÇÃO DO OLHAR SOBRE INFÂNCIA E PROTAGONISMO INFANTIL NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE ARTES CÊNICAS

Luciana Hartmann
Hanna Talita Gonçalves Pereira de Araujo

DOI: 10.19179/2319-0868.803

HARTMANN, Luciana; ARAUJO, Hanna Talita Gonçalves Pereira de. A produção do olhar sobre infância e protagonismo infantil na formação de professores de artes cênicas. *Revista da FUNDARTE*. Montenegro, p.01 - 24, ano 20, nº 42, julho/setembro de 2020.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index> 30 de setembro de 2020.

REVISTA DA FUNDARTE
ANO 20
NÚMERO 42
JULHO A SETEMBRO DE 2020
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO

NARRATIVAS DE/PARA CRIANÇAS:
IMAGENS
MEMÓRIAS
HISTÓRIAS



A PRODUÇÃO DO OLHAR SOBRE INFÂNCIA E PROTAGONISMO INFANTIL NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE ARTES CÊNICAS

Luciana Hartmann[1]
Hanna Talita Gonçalves Pereira de Araujo[2]

Resumo: Este artigo propõe, a partir da análise de experiências realizadas em cursos de Licenciatura em Artes Cênicas de duas universidades brasileiras, que a produção de um olhar para a criança como ser completo, que age criticamente na sociedade, esteja presente na formação de professores/as de arte. Cotejadas com o debate contemporâneo dos estudos da infância na educação, na sociologia e na antropologia, as experiências descritas permitem demonstrar concretamente a importância do desenvolvimento de metodologias que sensibilizem os/as futuros/as professores/as de arte para o lugar de protagonismo que pode e deve ser ocupado pelas crianças nos processos educacionais.

Palavras-chave: Formação de professores/as; Arte-educação; Infância; Protagonismo infantil.

LOOKING AT CHILDHOOD FROM THE PERSPECTIVE OF ART TEACHER TRAINING

Abstract: This article analyzes two experiences of art teachers training, in which theoretical and practical activities were conducted focusing on the construction of a view of the child as a complete being, endowed with culture, as an agent in society. Compared with the contemporary debate of childhood studies in education, sociology and anthropology, the experiences described demonstrate practically the importance of developing methodologies that make future art teachers aware of the protagonist role that can and should be occupied by children in the educational processes.

Keywords: Teacher education; Art education; Childhood; Child protagonism.

[1] Professora do Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília (UnB), integrando também o Programa de Pós-Graduação em Performances Culturais da Universidade Federal de Goiás (UFG). Mestre e doutora em Antropologia Social pela UFSC, com doutorado sanduíche na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), em Paris. Licenciada em Artes Cênicas pela UFRGS. Titular de um pós-doutorado na Université Paris Ouest-Nanterre, pesquisando narrativas de crianças imigrantes. Autora do livro "Gesto, Palavra e Memória – performances de contadores de causos" e organizadora das coletâneas "Donos da Palavra: autoria, performance e experiência em narrativas orais na América do Sul" (2007) e de "O Teatro e suas Pedagogias: práticas e reflexões".

[2] Pedagoga formada pela Faculdade de Educação da Unicamp (2007), Mestre em Artes (2010) e Doutora em Artes Visuais (2016) pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, no Instituto de Artes da Unicamp. Suas áreas de interesse são Arte e Educação, incluindo processos criativos de artistas plásticos e artistas do livro, mediação e ensino de arte, arte e infância, narrativas visuais, livro de imagem, ilustração de literatura infantil, constituição de leitores e práticas de leitura. É professora da Universidade Federal do Acre. É Representante do Estado do Acre na FAEB - Federação de Arte Educadores do Brasil.

HARTMANN, Luciana; ARAUJO, Hanna Talita Gonçalves Pereira de. A produção do olhar sobre infância e protagonismo infantil na formação de professores de artes cênicas. *Revista da FUNDARTE*. Montenegro, p.01 - 24, ano 20, nº 42, julho/setembro de 2020.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index> 30 de setembro de 2020.

REVISTA DA FUNDARTE
ANO 20
NÚMERO 42
JULHO A SETEMBRO DE 2020
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO
NARRATIVAS DE/PARA CRIANÇAS: IMAGENS MEMÓRIAS HISTÓRIAS



LA PRODUCTION DU REGARD SUR L'ENFANCE DANS LA PERSPECTIVE DE LA FORMATION DES ENSEIGNANTS D'ARTS

Résumé: Cet article analyse deux expériences de formation d'enseignants d'art, au cours desquelles ont été réalisées des activités théoriques et pratiques, tournées vers la construction d'un regard qui considère l'enfant comme un être complet, avec sa culture propre et qui est un acteur de la société. La mise en perspective de ces expériences avec le débat contemporain sur les études de l'enfance dans le domaine de l'éducation, de la sociologie et de l'anthropologie, permet de démontrer de manière concrète l'importance de développer des méthodologies qui sensibilisent les futurs enseignants d'art sur le protagonisme qui peut et doit être occupé par les enfants dans les processus éducatifs.

Mots-clés: formation d'enseignants; art-éducation; enfance; protagonisme de l'enfant.

Dois mais dois é peixe, cento e quinze vezes quatro é batata, um mais um é infinito. (Orlando, 8 anos)

Introdução

Atualmente diversas áreas de estudo têm abordado a infância com ênfase nas crianças enquanto sujeitos sociais. Muitos desses estudos buscam alterar a lógica adultocêntrica, em vigor nos últimos séculos, pautada nos tempos e prioridades dos adultos, nos conhecimentos que poderiam ser inculcados nas crianças e na preparação dessas para o futuro. Essa perspectiva vem se transformando, tanto nas práticas pedagógicas quanto nas produções para a infância e, como enfatiza o sociólogo Manuel Sarmento na entrevista que abre o livro *Quem está na escuta? Diálogos, reflexões e trocas de especialistas que dão vez e voz às crianças:* "(...) a criança começa a ser cada vez mais pensada a partir do que é, do que sabe, do que pode, das suas competências, das suas formas de construir cultura, do modo como elabora sistemas ideológicos não necessariamente coincidentes com os dos adultos" (Sarmento, 2018, p.5).

Nas duas experiências que serão descritas e analisadas neste artigo, realizadas com estudantes de Cursos de Licenciaturas em Artes Cênicas da

HARTMANN, Luciana; ARAUJO, Hanna Talita Gonçalves Pereira de. A produção do olhar sobre infância e protagonismo infantil na formação de professores de artes cênicas. *Revista da FUNDARTE*. Montenegro, p.01 - 24, ano 20, nº 42, julho/setembro de 2020.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index> 30 de setembro de 2020.



Universidade Federal do Acre e da Universidade de Brasília, propomos alterar a perspectiva de olhar as crianças em seu devir adulto e as considerarmos a partir do que elas já são, para descobrirmos, junto com elas, outras formas de ensinar e aprender. Nessas experiências buscamos provocar o reconhecimento do protagonismo infantil, oferecendo para os futuros professores possibilidades de construir saberes com as crianças e não por elas. Sabemos, no entanto, que essa é uma longa empreitada pois, como lembra Sarmento:

> A escola foi pensada, sobretudo, numa perspectiva de ensinar as crianças a partir de uma cultura exógena a elas. Mas isso foi evoluindo historicamente. E hoje a ideia de ouvir as crianças no plano pedagógico significa que os saberes escoados não advêm apenas dos saberes instituídos pelo currículo oficial, mas podem ser construídos nos saberes instituídos nas relações dos adultos com as crianças, na construção do conhecimento. (SARMENTO, 2018, p.9).

É importante compreender como esses modos de enxergar a criança e as diversas etapas da infância se constituem para que seja garantido à elas o direito de expressarem e manifestarem suas opiniões e saberes sobre o mundo que habitam, o direito a terem seu protagonismo reconhecido. Para Adriana Friedman, as crianças se tornam protagonistas

> quando se manifestam por meio das mais diversas formas de expressão: da palavra, da brincadeira, da arte, da música, da dança, do esporte. O protagonismo infantil tem um caráter ético, social, cultural, político e espiritual, convidando os adultos e tomadores de decisão a repensarem o *status* social da infância, dos papéis das crianças na sociedade local e no conceito cultural dos diferentes povos. (FRIEDMAN, 2017, p. 42).

Reconhecidas como atores sociais e autores de suas próprias vidas, as crianças são, assim, assumidas

HARTMANN, Luciana; ARAUJO, Hanna Talita Gonçalves Pereira de. A produção do olhar sobre infância e protagonismo infantil na formação de professores de artes cênicas. *Revista da FUNDARTE*. Montenegro, p.01 - 24, ano 20, nº 42, julho/setembro de 2020.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index> 30 de setembro de 2020.



como sujeitos de direito que, a despeito de sua idade, se expressam, têm preferências, produzem cultura e se relacionam de maneira ativa com o mundo, modificando-o também.

Em nossa experiência de salas de aula, tanto na Educação Básica quanto no Ensino Superior, temos verificado, por vezes, produções para/com crianças feitas de modo simplistas, estereotipadas, com pouco refinamento estético, dentro de uma lógica que considera que a criança não tem condições de fruir e compreender as obras artísticas de forma plena. Nas propostas com os licenciandos, buscamos transpor este pensamento incentivando o olhar dos estudantes para os bebês e as crianças (e sua experiência multissensorial como um todo) a partir das capacidades que os pequenos têm de criação e de relação com o mundo, das maneiras como usam sua imaginação e interagem com seu entorno (GIRARDELLO, 2011).

As experiências de convívio/percepção da infância trazidas para a presente discussão ocorreram nos contextos de Licenciaturas em Artes Cênicas, na UFAC e na UnB. Nas disciplinas que sediaram essas experiências buscamos relacionar os pressupostos da Arte, da Arte-educação e mais especificamente da Pedagogia do Teatro com a visão da criança como agente na sociedade, considerando em ambos os contextos a arte como linguagem e expressão e a brincadeira, a criatividade e a imaginação como formas de interagir com o mundo[3].

[3] Nas últimas duas décadas o campo da Pedagogia do Teatro passou por uma grande expansão no Brasil, em decorrência das políticas de ampliação e descentralização das universidades públicas, do investimento nos cursos de Licenciatura e da criação de novos Programas de Pós-Graduação em Artes Cênicas de Norte ao Sul do país. Neste contexto, o Grupo de Trabalho "Pedagogias das Artes Cênicas" da ABRACE – Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas - vem exercendo um importante papel no fomento ao debate do campo. No âmbito deste artigo é impossível listar as inúmeras contribuições de pesquisadores que têm se debruçado sobre a relação entre infâncias, formação de professores e artes cênicas, mas não poderíamos deixar de mencionar alguns dos pares com quem temos dialogado mais diretamente, como Marina Marcondes Machado, Taís Ferreira, Melissa Ferreira e Luvel García.



A partir da descrição das duas experiências, buscamos analisar vivências, dilemas, reflexões e descobertas dos estudantes de licenciatura, que no exercício da docência com bebês e crianças puderam experimentar algumas das potencialidades e desafios de trabalhar com essas faixas etárias.

Antes de passarmos à descrição de cada processo, é importante considerar que procuramos não enfatizar relações de ensino-aprendizagem *stricto sensu*, mas de partilha de saberes e de troca de experiências lúdicas e estéticas ENTRE adultos e crianças. Escavamos as raízes etimológicas da palavra “educar”, oriunda do latim “*educare*", composta pelo vocábulo "*ex*", fora, e "ducere", conduzir, para encontrar a ideia de “levar uma pessoa para fora de si mesma, mostrar o que mais existe além dela”. Nossa perspectiva de educação, portanto, visou provocar os futuros professores e professoras a irem além de si mesmos e do mundo adulto e reconhecerem a riqueza e a potência do mundo das crianças.

Hoje é dia de Brincar e Fazer Arte!

Com esta frase espalhada em diversos cartazes convidamos crianças que frequentavam a Universidade Federal do Acre para participar de atividades práticas ligadas ao Curso de Licenciatura em Artes Cênicas - Teatro. Essa experiência ocorreu nos anos de 2017 e 2018 com duas turmas distintas da disciplina “Investigação e Prática Pedagógica IX”, que objetivava ampliar as possibilidades de ensinar e aprender as linguagens da Arte em contexto distinto do âmbito escolar. Observamos que, em função de não haver creche nem escola dentro da Universidade, havia muitas crianças acompanhando seus pais, funcionários, professores e estudantes, pelo campus. Este fato possibilitou que recebêssemos crianças de 5 a 12 anos, sendo, em cada semestre, dez encontros de três horas.

HARTMANN, Luciana; ARAUJO, Hanna Talita Gonçalves Pereira de. A produção do olhar sobre infância e protagonismo infantil na formação de professores de artes cênicas. *Revista da FUNDARTE*. Montenegro, p.01 - 24, ano 20, nº 42, julho/setembro de 2020.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index> 30 de setembro de 2020.



Nos encontros de preparação para a atividade muitos estudantes relatavam que 'não gostavam de crianças ou que não levavam jeito'[4] com elas, ou simplesmente não desejavam trabalhar com essa faixa etária. As falas dos estudantes revelavam que tinham em mente que trabalhar com crianças é difícil pois é preciso ensinar muitas coisas às crianças (já que elas não sabem quase nada) e, além disso, 'as crianças são muito bagunceiras, barulhentas e que não conseguem se concentrar'. Mesmo assim, a proposta de desenvolver uma experiência prática com crianças foi aceita pelos estudantes. Grupos de quatro ou cinco estudantes propunham atividades com as linguagens artísticas e as brincadeiras tradicionais por uma hora e vinte minutos. Em seguida, realizavam um lanche compartilhado enquanto outro grupo de estudantes chegava para desenvolver mais uma hora e vinte de outras propostas. Após a partida das crianças, fazíamos nossa roda de conversa discutindo as atividades e situações vividas. Os grupos se intercalavam e enquanto um grupo estava com as crianças, os demais planejavam as atividades posteriores.

As expectativas dos jovens professores em formação eram um misto de ânimo e insegurança. Colocar-se no lugar de professor e conduzir uma prática a partir de novos modos de estar com as crianças revelou-se um grande desafio para eles. As atividades eram conduzidas pelos estudantes na presença da professora da disciplina que, ao final da tarde, com a partida das crianças, fazia uma roda de conversa na qual todos avaliavam as práticas e atitudes. As observações também deveriam ser anotadas em um diário de campo. No início, as propostas artísticas dos licenciandos vinham pré-definidas: coreografias prontas, desenhos para pintar, além das histórias e músicas por vezes bastante simplistas. Nestas propostas, a criança era frequentemente tomada como mera reprodutora. Foram necessários alguns encontros e provocações para que eles se aventurassem por outras

[4] Em aspas simples, as anotações dos dizeres dos estudantes em diário de campo da professora.



possibilidades. A pesquisadora Ana Marie Holm (2004) questiona, acerca dos formatos pré-definidos pelos adultos para produzir arte com crianças:

> Como pode o adulto saber onde termina o processo artístico? Ou conhecer o caminho de antemão e ter a situação sob controle? Se não entendermos que o processo artístico é aberto, então aquilo com o qual estamos trabalhamos não é arte! (HOLM, 2004, p.88).

Nas rodas de conversa a professora comentava algumas atividades, buscando atentar para determinadas concepções que emergiam nas falas dos licenciandos ou nos modos de conduzir as práticas. Esse exercício de reflexão sobre o vivido na prática pedagógica possibilitou aos estudantes aprimorarem suas condutas a cada encontro. Nestes momentos, emergiam sensações, emoções, dificuldades e conquistas: o encantamento com determinada fala, a dificuldade de cativar uma criança pequena, a observação da relação da criança com o fazer artístico, como lidar com uma criança com piolho sem rejeitá-la, o prazer de brincar e fazer junto com os pequenos... Desde o início foi estipulado que não teríamos modelos pré-determinados: as produções plásticas, musicais, teatrais seriam disparadores para a criação, tanto de adultos quanto de crianças. Obviamente, nos jogos teatrais e nas brincadeiras tradicionais seriam mantidas as regras e instruções, importantes para o pleno desenvolvimento das propostas, mas a tônica das atividades seria dada pela criação sem modelos prévios.

Neste contexto, percebemos o quanto é necessário refletir para se desvencilhar das práticas de reprodução. Uma das atividades propostas por um grupo de quatro estudantes foi a pintura facial seguida de uma contação de histórias. As estudantes chegaram no espaço com figurinos e maquiagem, como se fossem apresentar uma peça. No entanto, segundo elas, o figurino era apenas para “alegrar” as crianças. Essas, por sua vez, foram colocadas sentadas em cadeiras, lado a lado, para que aguardassem. Uma a uma as crianças tinham seus rostos pintados por

HARTMANN, Luciana; ARAUJO, Hanna Talita Gonçalves Pereira de. A produção do olhar sobre infância e protagonismo infantil na formação de professores de artes cênicas. *Revista da FUNDARTE*. Montenegro, p.01 - 24, ano 20, nº 42, julho/setembro de 2020.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index> 30 de setembro de 2020.



uma estudante e em seguida, eram liberadas. Uma criança olhou para a professora com uma expressão de espanto e, quando questionada se não tinha gostado da pintura, respondeu que não sabia. Resumindo: as crianças não foram questionadas se queriam ser pintadas, qual o tema da pintura que gostariam e não tinham nem um espelho disponível para que pudessem conferir o resultado da pintura em seus rostos. Em seguida, as estudantes fizeram um 'teatro de bonecos', manipulando as crianças como se fossem bonecos. Essa atividade, amplamente debatida na roda de conversa, revelou que as estudantes, embora acreditassem que estavam fazendo algo incrível para as crianças, as estavam tratando literalmente como marionetes - seres manipuláveis, sem vida, sem iniciativa, sem capacidade de fazer/criar nada sozinhas. As discussões que se desencadearam a partir dessa prática, aliadas às leituras propostas na disciplina, possibilitaram que toda a turma refletisse e repensasse os objetivos pedagógicos e artísticos das propostas que traziam para as crianças.

Os padrões hierárquicos que historicamente orientam a relação professor/aluno se faziam presentes em alguns momentos da disciplina, guardando resquícios da concepção de que adulto é quem sabe, pois a criança não sabe. Em contextos nos quais a escola frequentemente normatiza o controle dos corpos (*é pra ficar sentado*), da fala (*não é pra falar, é pra ouvir*), do que fazer (*vamos fazer isso*) e em que momento fazer (*agora é hora/agora não é hora*), as decisões cabem aos adultos, que determinam que diferentes crianças façam as mesmas coisas.

Na experiência aqui analisada, ao contrário, ao longo dos encontros os licenciandos foram percebendo a potência da partilha com as crianças nas criações, nas propostas corporais, na elaboração do pensamento e tiveram, assim, que encontrar seu lugar enquanto docentes num ambiente distinto do que eles próprios, quando crianças, haviam vivenciado. Numa roda de conversa um dos licenciandos comentou: "*A gente não presta pra dar aula, a gente quer fazer junto...*" - como se

HARTMANN, Luciana; ARAUJO, Hanna Talita Gonçalves Pereira de. A produção do olhar sobre infância e protagonismo infantil na formação de professores de artes cênicas. *Revista da FUNDARTE*. Montenegro, p.01 - 24, ano 20, nº 42, julho/setembro de 2020.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index> 30 de setembro de 2020.

isso fosse um problema. Mas a proposta desde o início era “fazer junto” com as crianças. Desta forma, fomos conversando sobre a necessidade de rever este modelo pedagógico em que o adulto manda/ensina e a criança aprende/reproduz, pois “fazer junto” não retira o papel do professor, ao contrário, potencializa as aprendizagens e pode gerar grande satisfação entre os sujeitos, adultos e crianças.

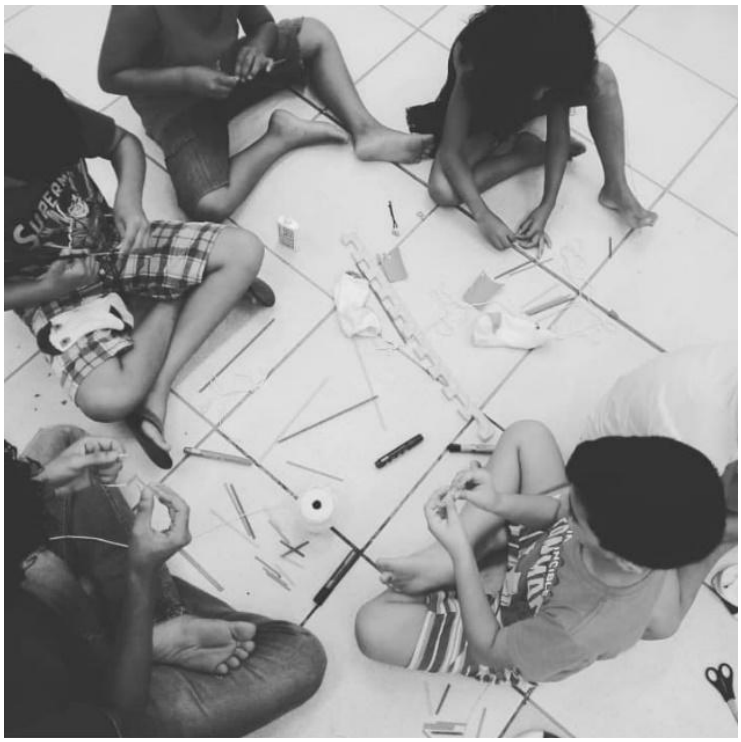


Imagem 1: Licenciandos e crianças criando conjuntamente. (Fonte: Hanna Araujo)

HARTMANN, Luciana; ARAUJO, Hanna Talita Gonçalves Pereira de. A produção do olhar sobre infância e protagonismo infantil na formação de professores de artes cênicas. *Revista da FUNDARTE*. Montenegro, p.01 - 24, ano 20, nº 42, julho/setembro de 2020.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index> 30 de setembro de 2020.



Entre as crianças, o corpo vivo, ativo, dinâmico e disponível estava presente na maioria das propostas. Ao menor convite para determinado jogo teatral, por exemplo, elas se prontificavam e participavam atentamente. Nas rodas de conversa com os estudantes, após a partida das crianças, quando aparecia uma frustração sobre determinada atividade buscávamos compreender o motivo de não ter fluido conforme planejado. Em geral, os motivos eram falta de organização do proponente ou o fato de que a atividade não condizia com a faixa etária das crianças. Nas propostas que atiçavam a curiosidade das crianças nem era necessário fazer o convite pois elas já chegavam perto buscando participar. Elas só estavam verdadeiramente presentes naquilo que fazia sentido, pois elas não receberiam uma avaliação, as atividades "não valeriam nota", como acontece na escola. A avaliação, ao contrário, era partilhada: os licenciandos conversavam com as crianças sobre as atividades, numa perspectiva de melhorar a prática pedagógica.

Nos momentos de criação também percebemos que existia uma propensão nos licenciandos a quererem exercer um juízo de valor sobre as produções das crianças, decidindo entre bonito/feio, o que vale ser registrado ou não, o desenho que vai ser exposto na parede ou que será descartado. Nestes momentos a professora os convidava à reflexão, tendo como referência a concepção de Ana Marie Holm, de que

> a avaliação final dos trabalhos produzidos por crianças é uma invenção dos adultos. O que ocorre durante a experiência estética é mais amplo. A compreensão se dá por meio dos sentidos, ampliando a consciência. O interessante é que não termos que chegar a nada específico. (HOLM, 2004, p.84).

Como todos puderam perceber, os aprendizados ocorrem, muitas vezes, em situações inusitadas ou em momentos que não foram 'planejados' pelos adultos. A busca de novas relações entre adultos e crianças alivia o papel do professor como

HARTMANN, Luciana; ARAUJO, Hanna Talita Gonçalves Pereira de. A produção do olhar sobre infância e protagonismo infantil na formação de professores de artes cênicas. *Revista da FUNDARTE*. Montenegro, p.01 - 24, ano 20, nº 42, julho/setembro de 2020.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index> 30 de setembro de 2020.

aquele que controla, decide e segue à risca o planejamento. Assim, se o adulto se entrega, se dispondo a aprender (e apreender) pelo viés das crianças, permite que ele visualize a beleza presente no modo da criança olhar para o mundo.



Imagem 1: Jovens licenciandos e crianças narrando com sombra (fonte: Hanna Araujo)

Na atividade de teatro de sombra (Imagem 2), por exemplo, crianças e estudantes se entregaram à improvisação de narrativas, criadas a partir da projeção que era feita com uma lanterna de celular, fortemente guiadas pela imaginação dos menores. O lanche compartilhado também se tornou um momento bastante aguardado e significativo. As confissões, piadas, causos e trocas ocorriam entre todos, fortalecendo os vínculos já criados durante as atividades.

Uma das posturas que refletia claramente uma concepção inicial de infância ligada ao 'não-saber' era o tratamento dado às crianças menores (de 4-5 anos) como se fossem bebês: ajudando-as a sentar, a comer, a fazer praticamente tudo, inclusive a andar. Nesta concepção, lembra Sarmento: "A criança é considerada como o não-adulto e este olhar adultocêntrico sobre a infância registra especialmente a ausência, a incompletude ou a negação das características de um ser humano "completo". A infância como a idade do não está inscrita desde o étimo

HARTMANN, Luciana; ARAUJO, Hanna Talita Gonçalves Pereira de. A produção do olhar sobre infância e protagonismo infantil na formação de professores de artes cênicas. *Revista da FUNDARTE*. Montenegro, p.01 - 24, ano 20, nº 42, julho/setembro de 2020.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index> 30 de setembro de 2020.



da palavra latina que designa esta geração: in-fans – o que não fala." (SARMENTO, 2005, p. 23) Outro exemplo de como essa visão da infância impacta nas práticas pedagógicas aparecia quando as perguntas das crianças eram respondidas com frases simplificadas ou incompletas, como se elas não tivessem capacidade de compreender. Por vezes era preciso intervir diretamente para que os estudantes permitissem às crianças realizarem as propostas de forma autônoma, a sua maneira.

Essa concepção da infância faz com que muitos adultos subestimem as crianças, tanto em relação ao que elas pensam quanto no que fazem ou podem fazer, e isso aparecia inicialmente, como vimos, nas falas e posturas dos licenciandos. No entanto, no decorrer dos encontros eles começaram a reconhecer as capacidades dos pequenos: 'é legal ver que eles conseguem fazer!', falou encantada uma estudante na roda de conversa. Evidentemente, por se tratar de um projeto dentro do *campus* da UFAC*,* tínhamos cuidado com as crianças para que não saíssem da sala sozinhas, as acompanhávamos ao banheiro, esperávamos as famílias chegarem, acolhíamos quando se desentendiam. Foi preciso que estudantes percebessem o limite entre cuidar e invadir o espaço da criança para que pudesse, de fato, ser compreendida a noção de autonomia, cuja importância, defendida por Paulo Freire (2016), é constantemente repetida, porém nem sempre praticada quando se trata da docência com crianças pequenas.

O medo dos bebês

A outra experiência aconteceu na disciplina Fundamentos da Educação-Artística, que é ministrada no âmbito da licenciatura em Artes Cênicas da Universidade de Brasília, mas como não tem pré-requisitos, costuma ser cursada por estudantes de diversas licenciaturas. No primeiro semestre de 2019 essa

HARTMANN, Luciana; ARAUJO, Hanna Talita Gonçalves Pereira de. A produção do olhar sobre infância e protagonismo infantil na formação de professores de artes cênicas*. Revista da FUNDARTE*. Montenegro, p.01 - 24, ano 20, nº 42, julho/setembro de 2020.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index> 30 de setembro de 2020.



disciplina, que é desenvolvida de forma teórico-prática, contou com a participação de uma mestranda, cuja pesquisa tinha como tema performances para bebês[5]. Antes de abordarmos a experiência específica com os bebês, vejamos como a disciplina foi organizada em termos didáticos.

Ao longo do curso, além do debate de textos sobre Infâncias e Pós-colonialismo (FARIA et al, 2015), Performance e Educação (HARTMANN, 2014), (Pedagogia da Autonomia (FREIRE, 2016), Teatro do Oprimido (BOAL, 2002) e Protagonismo Infantil (SINGER, 2017) foram realizadas diversas práticas, como jogos teatrais, contação de histórias e atividades manuais. Assim como a professora propõe atividades, em todas as aulas, que duram quatro horas, os licenciandos são convidados a compartilhar seus saberes com os colegas, por meio de aulas individuais e de oficinas ministradas em grupos. Nessas experiências de partilha são desenvolvidas conjuntamente estratégias metodológicas que proporcionem a escuta de cada um dos estudantes e a valorização de seus saberes. Após a partilha de experiências procuramos refletir sobre a importância de utilizar essa metodologia de escuta e partilha na sala de aula, independentemente da faixa etária com a qual se está trabalhando – obviamente com adequações para cada contexto.

Uma das estratégias que temos utilizado, por exemplo, tem sido a Roda de Notícias Boas, feita em todo início de aula. Com o contexto de crise política e econômica do país afetando a cada dia mais diretamente aqueles que trabalham com arte e educação, encontramos nesta troca de boas notícias uma oportunidade para desenvolver empatia e exercitar a solidariedade com os colegas. Uma das estudantes resolver então levar essa prática para sua sala de aula, no 5º ano do ensino fundamental. O que ocorreu é que ela rapidamente teve de fazer uma adaptação quando uma criança, ao invés de contar uma notícia boa, compartilhou

[5] A mestranda Denise Munhoz Lima realizava seu Estágio Docência, prática obrigatória para bolsistas CAPES, que estimula a vivência dos discentes com a sala de aula.



chorosa algo que a estava afligindo: ela achava que sua cachorrinha havia sido atropelada pela Van escolar que a buscou em casa. A roda com as crianças teve de ser interrompida para que a coordenação ligasse para a casa da menina, que só se acalmou quando soube que nada havia acontecido com a cachorrinha. A licencianda desenvolveu uma reflexão sobre os desdobramentos dessa atividade com essa faixa etária em seu Trabalho de Conclusão de Curso, no qual comenta que, após o episódio da cachorrinha, novamente investiram nas boas notícias:

> [...] que foram desde as comidas de domingo em família, até o andar de bicicleta pelas ruas com as colegas de classe. Uma das crianças compartilhou que sua prima, de cinco anos de idade, estava brincando na sala, cantando uma música durante a brincadeira – o que chamou sua atenção. Ela explicou que não estava entendendo que música era, pois a criança não cantava, e sim fazia ruídos. Entendi que ela falava no que, teatralmente, chamamos *gramelot* ou blablação. (SILVA, 2019, p. 38).

A licencianda, neste caso, não apenas experimentou a Roda de Boas notícias com as crianças, como também aproveitou a atividade para criar conexões com o conteúdo da aula de teatro. É este tipo de autonomia, escuta, troca e protagonismo partilhado entre adultos e crianças que estamos falando.

Depois de desenvolvermos os debates sobre a bibliografia citada e realizarmos diversas atividades práticas com toda a turma, a mestranda Denise Lima propôs aos estudantes que criassem, juntos, uma performance a ser partilhada com bebês do Centro de Educação Infantil 01 de Brasília, onde ela realizava sua pesquisa. Embora alguns tenham manifestado certo receio em relação aos “seres estranhos” que são os bebês, o grupo aceitou a empreitada. Como entendemos a partir do texto de Bill Green e Chris Bigum, por vezes crianças e jovens podem parecer “alienígenas” aos olhos dos professores (GREEN; BIGUM, 1995)[6].

[6] Segundo os autores, o contrário também seria verdadeiro...

HARTMANN, Luciana; ARAUJO, Hanna Talita Gonçalves Pereira de. A produção do olhar sobre infância e protagonismo infantil na formação de professores de artes cênicas. *Revista da FUNDARTE*. Montenegro, p.01 - 24, ano 20, nº 42, julho/setembro de 2020.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index> 30 de setembro de 2020.

Durante três aulas da disciplina Denise procurou sensibilizar os licenciandos para a escuta dos bebês, para a partilha de músicas, sons, movimentos, histórias e brincadeiras poéticas. Algumas de suas principais orientações para a interação com os bebês foram: realizar gestos e movimentos suaves, estabelecer a cumplicidade entre os brincantes e os bebês através do olhar e evitar pegar os bebês no colo (essa é uma orientação dos Centros de Educação Infantil)[7].



Imagem 3: Preparação da performance para bebês (fonte: Luciana Hartmann)

A performance foi criada tendo como título “Um dia de música e brincadeiras”. A turma experimentou a criação de momentos curtos de interação com os bebês, a partir de objetos sugeridos por Denise, como grandes retângulos de tecidos leves, bolas de tecido, brinquedos de pano e músicas propostas pelos próprios estudantes. No roteiro da performance foram estabelecidos oito momentos, cada um tendo seu tempo de duração pautado por uma música que era tocada no violão por uma das licenciandas e cantada por todos. Segue abaixo o roteiro completo:

[7] Para conhecer melhor o trabalho desenvolvido por Denise, ver sua dissertação de mestrado (LIMA, 2019).

HARTMANN, Luciana; ARAUJO, Hanna Talita Gonçalves Pereira de. A produção do olhar sobre infância e protagonismo infantil na formação de professores de artes cênicas. *Revista da FUNDARTE*. Montenegro, p.01 - 24, ano 20, nº 42, julho/setembro de 2020.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index> 30 de setembro de 2020.



1- Entrada do grupo de brincantes cantando *Squindim, dan, dan* – pausas na música, com brincadeira da estátua, até formarem a roda em torno dos bebês;
2- O grupo já posicionado em círculo (nível baixo) procura interagir com os bebês e crianças pequenas, apenas com olhares e sorrisos, cantando *Alecrim Dourado*;
3- Bola colorida, passada de mão em mão, junto ao som de onomatopeias;
4- Bola em formato de peixe, com cauda de tecido – brincando e cantando com a música *Perdi o meu anel no mar;*
5- Percussão corporal – sons que preparam a abertura do pano;
6- Pano grande - 5 vezes levando o pano bem alto e lento (como uma folha caindo) e 1 vez com o pano tremulando. Depois do tremular do pano recolhê-lo (com cuidado para não cair nas crianças);
7- Momento de contemplação - saindo do pano com a música *Se essa rua fosse minha* - brincadeiras entre todos, adultos e crianças;

8 – Hora da despedida – música *Rosa Amarela*.

No dia de realização da performance, na chegada à creche houve um clima de apreensão por parte dos licenciandos, que revelaram um “medo” generalizado dos bebês, mas ao entrar na primeira sala, com uma turma de bebês de 6 a 12 meses, tudo se transformou. Começava uma troca de olhares entre adultos e crianças em busca do reconhecimento mútuo. Um bebê sorri, outro se aproxima, outro faz muxoxo... alguns até choram, mas como se pode perceber nas fotografias abaixo, já não parecem mais tão assustadores.

HARTMANN, Luciana; ARAUJO, Hanna Talita Gonçalves Pereira de. A produção do olhar sobre infância e protagonismo infantil na formação de professores de artes cênicas. *Revista da FUNDARTE*. Montenegro, p.01 - 24, ano 20, nº 42, julho/setembro de 2020.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index> 30 de setembro de 2020.



Imagem 4: apresentação da performance no CEI 1 – Brasília- DF – (Fonte: Alessandra Gondim)



Imagem 5: apresentação da performance no CEI 1 – Brasília- DF – (Fonte: Alessandra Gondim)

HARTMANN, Luciana; ARAUJO, Hanna Talita Gonçalves Pereira de. A produção do olhar sobre infância e protagonismo infantil na formação de professores de artes cênicas. *Revista da FUNDARTE*. Montenegro, p.01 - 24, ano 20, nº 42, julho/setembro de 2020.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index> 30 de setembro de 2020.



Imagem 6: apresentação da performance no CEI 1 – Brasília- DF (Fonte: Alessandra Gondim)

A performance foi realizada em quatro turmas e cada uma teve duração de aproximadamente 15 minutos. A troca com os bebês e crianças pequenas foi pautada pela sensibilidade e pela necessidade de escuta, dos licenciandos entre si e deles em relação às crianças, pois cada sala representava um novo desafio, com seus pequenos protagonistas de distintas faixas etárias. Como treze adultos estranhos poderiam entrar nas salas sem assustar os bebês? Como respeitar o tempo de reconhecimento das crianças, dentro do tempo da performance? Como interagir com as crianças, sem conduzir suas ações? Essas perguntas foram sendo respondidas na prática, na medida em que o grupo ia realizando a performance com as diferentes faixas etárias. Se com os bebês de 6 a 12 meses a música foi cantada quase como um acalanto, em volume baixo, e os movimentos foram mais sutis, com a turma de 3 anos a interação passou pela manipulação dos objetos, pela brincadeira coletiva embaixo do pano e pela percussão corporal compartilhada por todos, adultos e crianças.

HARTMANN, Luciana; ARAUJO, Hanna Talita Gonçalves Pereira de. A produção do olhar sobre infância e protagonismo infantil na formação de professores de artes cênicas. *Revista da FUNDARTE*. Montenegro, p.01 - 24, ano 20, nº 42, julho/setembro de 2020.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index> 30 de setembro de 2020.

Em seu trabalho final, redigido no formato de uma carta para si mesma no futuro, a discente Rebecca Ynoue reflete:

> [...] descobri um interesse que é: CRIANÇA (e você que tinha tanto medo, hein!). Nossa! Cognição infantil, experiências na creche, em sala de aula... Elas têm um potencial surreal. E eu queria usar todo esse potencial que elas têm (pelo fato da idade, descobrimento contínuo das coisas, curiosidade a mil, etc.) para melhorar a aprendizagem delas.

Já a discente Alessandra Mourão Gondim, que fez seu trabalho em forma de livro ilustrado, expressou visualmente e em palavras o aprendizado que resultou da experiência com os bebês:



Considerações Finais

Como se pode perceber na descrição, ainda que sucinta, dessas duas experiências, os encontros e partilhas com bebês e crianças possibilitaram aos jovens licenciandos de Artes Cênicas o reconhecimento de que esses pequenos seres têm seus próprios desejos, vontades, suas próprias formas de comunicação e que basta abrir a escuta para que possamos compreendê-los e aprender com eles.

As propostas relatadas neste artigo nos levam a concordar com Faria *et al*, que escrevem na introdução do livro “Infâncias e Pós-colonialismo” que

HARTMANN, Luciana; ARAUJO, Hanna Talita Gonçalves Pereira de. A produção do olhar sobre infância e protagonismo infantil na formação de professores de artes cênicas. *Revista da FUNDARTE*. Montenegro, p.01 - 24, ano 20, nº 42, julho/setembro de 2020.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index> 30 de setembro de 2020.



> [...] é preciso abandonar a concepção iluminista da infância e de sua educação como preparação para o futuro, para o adulto que será, o que desapropria a experiência humana das crianças. Torna-se urgente pesquisar pedagogias que se contraponham à educação como forma de colonização e que tragam para a infância a perspectiva emancipatória. (FARIA *et al*, 2015, p. 13-14).

Em ambas as práticas procuramos demonstrar que pedagogias emancipatórias podem se construir a partir da compreensão de que as crianças são agentes na sociedade e que elas também podem protagonizar os processos educacionais, “educando” os/as professores/as, ou seja, mostrando o que existe para além do mundo dos adultos.

Acreditamos que a relação entre professores/as e crianças deve se pautar na cumplicidade e no respeito em relação ao espaço e tempo do outro. Para interagir com bebês e crianças é preciso escuta, sensibilidade, paciência, sutileza... Mas essa não seria uma premissa para todas as relações humanas, independentemente da faixa etária?

As descobertas dos licenciandos de que as crianças são questionadoras, autônomas e criativas só foram possíveis quando eles passaram a ouvir, enxergar, sentir verdadeiramente as crianças. Foi assim que perceberam, por exemplo, que de nada serve propor um exercício de concentração se as crianças estão necessitando se movimentar, pedindo atividades corporais. Por meio da intensificação do diálogo com as crianças suas demandas podem passar a integrar o “plano de aula”, enriquecendo-o.

Nas diferentes vivências, a imaginação e a criatividade das crianças chamaram atenção dos estudantes de diferentes formas. Como reflete Fayga Ostrower:

> Penso que, quando éramos crianças, sabíamos ver ou, pelo menos, queríamos saber. Tínhamos a curiosidade à flor da pele. Todas as crianças a têm. Brincando, estão experimentando e descobrindo o mundo, os materiais e os objetos que existem, as posições em que existem, em que



> posições poderiam ser colocados, o que de possível se poderia fazer, ou talvez até de impossível. As crianças às vezes são "impossíveis" na sua curiosidade. (OSTROWER, 2013, p.91).

Na experiência desenvolvida na UFAC, as rodas de histórias criadas coletivamente, entre outras atividades, permitiram que os licenciandos vivenciassem como as crianças fazem uso da imaginação, criando histórias elaboradas e surpreendendo a todos os presentes. Já na performance realizada pelos licenciandos da UnB, a fruição dos bebês revelou formas sutis, mas também efusivas, assustadas, chorosas e festivas de interação poética, demonstrando que o medo dos adultos pode se converter em encantamento (assim como o medo das crianças).

Como diz nossa colega Marina Marcondes Machado: "(...) o curso de Licenciatura em Teatro precisa ser delineado de tal maneira que esteja sempre em processo de transformação, aceitando as mudanças contemporâneas, seja no campo educacional, seja no campo teatral estrito senso." (AGUIAR; MACHADO, 2016, p. 354) Desta forma, acreditamos que o processo de formação de professores de artes cênicas será fortemente enriquecido ao contemplar as novas concepções da infância, compreendendo que não é preciso dar voz às crianças, é muito mais importante "dar ouvidos", pois as crianças sempre falaram, nós adultos é que nem sempre prestamos atenção. Do mesmo modo, temos que aprender a enxergar as crianças, observar o modo como elas (inter)agem no mundo, para que nossas práticas pedagógicas possam se converter verdadeiramente em processos de troca e aprendizagem mútua entre adultos e crianças. Nessa relação, como diz Orlando na frase que serve de epígrafe a este artigo: "Um mais um é infinito". Acreditamos que as Licenciaturas em Arte são fundamentais para que essa soma aconteça.

HARTMANN, Luciana; ARAUJO, Hanna Talita Gonçalves Pereira de. A produção do olhar sobre infância e protagonismo infantil na formação de professores de artes cênicas. *Revista da FUNDARTE*. Montenegro, p.01 - 24, ano 20, nº 42, julho/setembro de 2020.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index> 30 de setembro de 2020.



Referências:

AGUIAR, Francisco de Assis Soares; MACHADO, Marina Marcondes. Ensinar e aprender como estado de procura: diálogos aluno-professor na Licenciatura em Teatro da UFMG. *Contrapontos* (Online), v. 16, p. 351-359, 2016.

BOAL, A. *Jogos para atores e não-atores*. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

FARIA, A. L. G. de, BARREIRO, A.; MACEDO, E. de, SANTIAGO, F.; SANTOS, S. E. dos. (orgs) *Infâncias e pós-colonialismo: pesquisas em busca de pedagogias descolonizadoras*. Campinas, SP: Leitura Crítica/ALB, 2015.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia*. 53ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FRIEDMANN, A. Protagonismo Infantil. In: LOVATO, A; YRULA, C. P.; FRANZIM, R. (orgs.). *Protagonismo Infantil – a potência de ação da comunidade escolar*. São Paulo: Ashoka/Alana, 2017.

GIRARDELLO, G. Imaginação: arte e ciência na infância. *Pro-Posições*. Campinas, v.22, n.2 (65), p.75-92, 2011.

GREEN, B.; BIGUM, C. Alienígenas na sala de aula. In: SILVA, T. T. da. (Org). *Alienígenas na Sala de Aula*. Petrópolis: Vozes, 1995.

HARTMANN, Luciana. Interfaces entre a Pedagogia do Teatro e os Estudos da Performance. *Revista Educação* - UFSM, v. 3, n. 31, p. 515-528, 2014.

HOLM, A. A energia criativa natural. *Pro-Posições*. Campinas, v.15, n.1 (43), p.83-94, 2004.

LIMA, Denise Munhoz. *A Performance na Creche: Poéticas para bebês e crianças pequenas*. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas). PPGCEN, Universidade de Brasília, 2019.

OSTROWER, F. *Universos da Arte*. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

SARMENTO, M. Crianças: educação, culturas e cidadania activa - refletindo em torno de uma proposta de trabalho. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 23, n. 01, p. 17-40, 2005.

SARMENTO, M. Retrato em Positivo In: Friedmann, A.;Romeu, G. Souza, L. *Quem está na escuta? Diálogos, reflexões e trocas de especialistas que dão vez e voz às crianças*. São Paulo: Blucher, 2018. Disponível em: http://primeirainfancia.org.br/wp-content/uploads/2016/11/T300000001836-0-Mapa_infancia-000.pdf



SILVA, Emily Wanzeller da. *Entrelaçando-N(ó)S: A Performance e a Ecologia de Saberes como possibilidades no ensino de arte*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Cênicas). Universidade de Brasília, 2019.

SINGER, Helena. Pelo protagonismo de estudantes, educadores e escolas. *In: LOVATO, A; YRULA, C. P.; FRANZIM, R. (orgs.). Protagonismo Infantil – a potência de ação da comunidade escolar. São Paulo: Ashoka/Alana, 2017, p. 14-21.*